



REVERBERAÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO *DOCENCIAR* DE PROFESSORES LICENCIADOS EM GEOGRAFIA QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriana Dal Molin ¹
Nestor André Kaercher ²

RESUMO

O presente trabalho versa sobre uma pesquisa de doutorado, em andamento, e busca compreender as reverberações da formação continuada na prática e na identidade docente de professores licenciados em Geografia que atuam na Educação Básica. A investigação qualitativa, ancora-se no método (auto)biográfico, utilizando entrevistas narrativas com quatro docentes da rede básica de um município do sul do Rio Grande do Sul. O estudo parte da compreensão de que a formação de professores é um processo contínuo, inacabado e reflexivo, articulando dimensões pessoais, profissionais e institucionais. Os objetivos envolvem identificar como os professores compreendem e projetam sua formação continuada, mapear presenças e lacunas desse processo na constituição de suas identidades e propor caminhos para a formação continuada. Fundamentado em autores como Paulo Freire, Ilma Passos Veiga, António Nóvoa, Helena Callai e Lana Cavalcanti, o trabalho destaca a relevância da formação enquanto ação ética, política e social, capaz de transformar vivências em experiências significativas. A pesquisa evidencia a importância do diálogo entre escola e universidade para superar a fragmentação do ensino e ampliar a função social da docência. Em fase inicial, o estudo justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos atribuídos pelos docentes à formação continuada e de fortalecer a articulação entre teoria, prática e identidade profissional.

Palavras-chave: Formação continuada, Docência em Geografia, Identidade docente; Narrativas (auto)biográficas

RESUMEN

El presente trabajo versa sobre una investigación doctoral en curso y busca comprender las repercusiones de la formación continua en la práctica y en la identidad docente de profesores licenciados en Geografía que ejercen en la Educación Básica. La investigación, de carácter cualitativo, se sustenta en el método (auto)biográfico, utilizando entrevistas narrativas con cuatro docentes de la red básica de un municipio del sur del estado de Rio Grande do Sul. El estudio parte de la comprensión de que la formación de profesores es un proceso continuo, inacabado y reflexivo, articulando dimensiones personales, profesionales e institucionales. Los objetivos incluyen identificar cómo los docentes comprenden y proyectan su formación continua, mapear presencias y vacíos de este proceso en la constitución de sus identidades y proponer caminos para la formación continua. Fundamentado en autores como Paulo Freire, Ilma Passos Veiga, António Nóvoa, Helena Callai y Lana Cavalcanti, el trabajo destaca la relevancia de la formación como acción ética, política y social, capaz de transformar vivencias en experiencias significativas. La investigación evidencia la importancia del diálogo entre escuela y universidad para superar la fragmentación de la enseñanza y ampliar la función social de la docencia. En fase inicial, el estudio se justifica por la necesidad de

¹Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS adrianadalmolin17@gmail.com;

² Professor no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, nestorandrek@gmail.com;



comprender los significados que los docentes atribuyen a la formación continua y de fortalecer la articulación entre teoría, práctica e identidad profesional

Palabras clave: Formación continua, Docencia en Geografía, Identidad docente, Narrativas (auto)biográficas

INTRODUÇÃO

A formação de professoras e professores é uma ação contínua e progressiva permeada de vários aspectos e, sobretudo, contribui para a valorização profissional e a ressignificação da prática pedagógica na medida em que tem grande potencial de transformar vivências em experiências a partir da reflexibilidade, componente indispensável para a formação docente. Considera-se que tanto a prática quanto a teoria são componentes das ações formativas e estão articuladas com a esfera pessoal, profissional e institucional.

Assim, a decisão de realizar uma pesquisa de doutorado com professores de Geografia que atuam na escola básica é um entrelaço entre a postura ética e política, de uma mulher professora e pesquisadora que também atua na escola básica. Minha trajetória docente, na escola básica, teve início ao final do mestrado, realizado na sequência da graduação/licenciatura cursada na universidade pública. Uma trajetória ancorada na formação contínua, pois constato que a dinâmica da escola tem um poder de engessar e nos expor ao perigo de sucumbir na rotina, nas urgências e demandas que podem nos levar a perder o sentido da docência. Assim, a formação continuada pode ser oportunidade de diálogo e reflexão diante dos desafios que surgem da sala de aula, do cotidiano das instituições, das relações sociais. Diálogo e reflexão são ações que podem contribuir para o discernimento com maior clareza diante das (des)venturas do *docenciar* na escola básica.

O trabalho em tela é um recorte do projeto de pesquisa que tem como centralidade a docência com a Geografia na escola básica. O campo de investigação tem como referência a rede básica de um município localizado na região sul do estado do Rio Grande do Sul. O problema surge do seguinte questionamento: Quais as implicações da formação continuada no *docenciar* de professores licenciados em Geografia que atuam nos Anos Finais?

Desenvolver a pesquisa com professoras e professores da educação básica é um exercício de escuta e a possibilidade de diálogo efetivo, exercício de alteridade, de se colocar diante do outro e reconhecer a dignidade, a presença do outro em um movimento sempre dialético. Não é sobre dar voz aos professores, mas ouvir suas histórias, demandas, sonhos, trajetórias que em suas singularidades podem revelar a pluralidade acerca do *docenciar* com



a Geografia na Educação Básica. Logo, um tema de extrema relevância para a pós-graduação na linha de ensino de Geografia, pois aproxima e oportuniza o diálogo, urgente, entre escola e universidade, seja no âmbito da formação inicial ou continuada de professores.

No que se refere aos objetivos da pesquisa, o objetivo geral busca analisar as implicações da formação continuada no trabalho de professores licenciados em Geografia que atuam nos Anos Finais da referida rede municipal de ensino. Enquanto objetivos específicos busca-se: Analisar como os professores e as professoras compreendem e almejam uma formação continuada; identificar presenças ou ausências da formação continuada na constituição da identidade docente; propor caminhos e/ou possibilidades formação continuada para professores de Geografia da rede básica do referido município.

A proposta de investigação deste anteprojeto está ancorada na abordagem de pesquisa qualitativa, alinha-se ao método (auto)biográfico de pesquisa em educação e na história de vida como dispositivo metodológico e a entrevista narrativa como fonte para a produção de dados.

A pesquisa em tela se justifica pelo entrelaço de questões pessoais e sociais na condição de professora na escola básica e pesquisadora. Pesquisar o universo da escola básica, dialogar com professoras e professores é uma forma de alargar horizontes, de estabelecer veículos e fortalecer a esperança e a alegria com/na docência em Geografia.

Assim, é central para o desenvolvimento da tese desta pesquisa a compreensão de que a formação continuada, enquanto espaço efetivo de diálogo e troca entre pares, socialização de experiências e estudos que possibilitem a ação-reflexão-ação, constitui uma condição *sine qua non* para que os docentes possam (re)existir frente aos desafios da/na Educação Básica.

METODOLOGIA

A proposta de investigação deste projeto está ancorada na abordagem de pesquisa qualitativa, alinha-se ao método (auto)biográfico de pesquisa em educação e na história de vida como dispositivo metodológico e a entrevista narrativa como fonte para a produção de dados.

Segundo Abrahão (2023) as narrativas (auto)biográficas são dispositivos metodológicos que configuram como experiência formadora de inúmeras possibilidades de partilha, tanto oral quanto escrita de experiências, pois o vivido é ressignificado não somente pela pessoa que narra, mas também pelo pesquisador.



Nesta perspectiva, os dados serão produzidos a partir de entrevistas narrativas que serão realizadas com seis professoras e professores licenciados em Geografia em atividade nos Anos finais do Ensino Fundamental da referida rede. O número de participantes justifica-se pela característica da investigação narrativa de acolher experiências para análises em profundidade. As experiências são singulares mas situadas em um espaço (lugar específico) e no tempo da história, portanto o sujeito que narra traz consigo a cultura e a dimensão social do vivido.

Os dados para a análise e discussão serão gerados a partir de entrevistas narrativas realizadas de forma presencial mediante acordo prévio. As entrevistas serão gravadas e terão como eixos a história de vida, a relação com a escola, a formação inicial e continuada e as perspectivas para o futuro. A metodologia para a análise dos dados ainda está em processo de construção.

Quanto ao referencial teórico, a pesquisa está ancorada em três eixos temáticos: Ensino de Geografia, Formação de professores e Pesquisa (auto)biográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A produção acadêmica sobre trabalho, identidade docente, profissionalização, formação de professores, entre tantos outros temas sobre o *docenciar* é vasta. Podemos citar uma lista infinda de referências não somente nacionais que se dedicam a pesquisar, discutir, teorizar, fazer formulações sobre como deve ser a formação, os saberes necessários, à atuação, a construção da identidade. Sem dúvidas, contribuições importantes, mas, não raro, estão mais centradas em avançar no conhecimento sobre o trabalho docente, constituindo um hiato entre universidade e escola básica.

Contudo, diante de tantas possibilidades teóricas sobre formação e docência é preciso fazer escolhas de autoras e autores para serem companheiros nesta viagem epistemologicamente curiosa de produzir a tese. Uma escolha política, interessada, um diálogo com Ilma Passos Veiga (2012), Paulo Freire (1996,), Miguel Arroyo (2013), António Nóvoa (1992, 2014), Callai (2013), Cavalcanti (2024), entre outros e outras.

Com Veiga (2012) esclareço as características básicas da docência, considerando-a uma atividade profissional e especializada, ou seja, requer formação profissional para seu exercício, conhecimento específico, aquisição de habilidades e conhecimentos vinculados



não somente as demandas de uma sala de aula, mas ao conjunto de outras funções, sejam elas burocráticas e/ou sociais.

A formação configura-se como característica básica da docência e assume sentido de ação, movimento de colocar-se em formação para exercer o magistério, uma profissão que envolve a tarefa de educar, ensinar, de aprender, de pesquisar e avaliar. Também tem o viés social e político, não se limita a aquisição de técnicas e conhecimentos, mas a uma contínua reflexividade de modo a dar respostas ou dialogar com os desafios do cotidiano escolar e do mundo em constante transformações.

Freire (1996) nos lembra da importância de iluminar a prática, descobrir erros e equívocos, com isso ampliamos horizontes - da teoria, do conhecimento científico, sem os quais não temos condições de superar os equívocos que cometemos. O exercício de responder às questões de nosso tempo, de nossa profissão alarga a possibilidade de refletirmos sobre a prática e a função social da docência, de forma mais ampla e qualificada.

Nessa perspectiva, Veiga (2012, p. 15) defende a formação como processo inacabado, vinculada à história de vida dos sujeitos, uma ação permanente de tornar-se professora. “O processo de formação multifacetado, plural, tem início e nunca tem fim. É inconcluso e autoformativo”.

Assim, a ação de ensinar exige a consciência ou a concepção antropológica de nossa inconclusão, característica própria da experiência humana, não estamos prontos, mas por fazer-se, intelectual, moral e afetivamente, com outras e outros continuamente. A humanidade é algo que se conquista por ações no espaço e no tempo. Cada fase de nossa vida revela o quanto ainda podemos ser, há sempre mais a saber, a fazer, descobrir e ser.

Com Freire (1996) compreendemos a condição de inacabados como uma riqueza humana, de inúmeras possibilidades que torna a educação possível. A consciência do inacabado, da inconclusão nos provoca a abertura para ser mais, curiosos, inquietos diante do mundo.

No contexto teórico, há consenso de que a formação de professores é uma ação contínua e progressiva permeada de vários aspectos, e sobretudo contribui para a valorização profissional e a ressignificação da prática pedagógica na medida em que tem grande potencial de transformar vivências em experiências a partir da flexibilidade, componente indispensável para a formação docente. Considera-se que tanto a prática quanto a teoria são componentes das ações formativas e estão articuladas com a esfera pessoal, profissional e institucional.



Entretanto, é importante considerarmos a potência do processo formativo no coletivo, uma vez que a reflexão com conflitos e confrontos epistemológicos, didáticos e metodológicos é mais eficaz, quando compartilhada. E como bem nos lembra Veiga (2012), mesmo sendo autoformação pelo estudo e a reflexão individual não deixa de ser um confronto/encontro de experiências vividas por outras/os. Neste sentido, a coletividade assume o significado de articulação entre docentes, escola, projetos e suas respectivas intencionalidades.

Sobre a questão da identidade, Veiga (2012) argumenta acerca das três dimensões fundamentais que a constituem: o desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional e a dimensão institucional. Em outras palavras, a identidade docente é forjada na intersecção de aspectos relacionados à história de vida e o desenvolvimento pessoal; aspectos relacionados ao tornar-se professor sobretudo na formação inicial e continuada e a dimensão institucional que atribui especificidades ao modo de ser professora, é a influência do onde e quando estamos exercendo a docência.

Sendo a construção da identidade docente forjada em diferentes espaços institucionais, têm marcas das opções e decisões tomadas no contexto das práticas, tanto nas representações e leituras que realizamos do cotidiano quanto no trabalho concreto, seja na sala de aula ou demais espaços escolares.

Isto posto, concordamos novamente com Veiga (2013) acerca da necessidade vital da formação enquanto ação teórica e prática contínua e progressiva que envolva as esferas pessoais, profissionais e institucionais, como estratégia para valorizar a prática pedagógica como constitutiva da formação. A docência é uma atividade profissional complexa, requer saberes diversificados (específicos, pedagógicos, escolares). Saberes de ancoragem, que exigem confrontos, revisões por meio de uma formação baseada na reflexividade.

Lembremos que a escola é permeada por problemas, muitos deles crônicos, com raízes profundas e não é difícil acostumarmos com esse ambiente e nos tornamos profissionais transmissores de saberes engessados em nossa disciplina. Não ignoramos, a docência está inserida em estruturas e processos que muitas vezes condicionam nosso trabalho, por isso é necessário assumirmos o papel que vai além de transmissor de conteúdos e ampliar nosso saberes sobre nosso ofício, sobre os sujeitos de nossa docência.

Na formação inicial, não raro, nos qualificamos sobre objetos e conteúdos e ao longo da atuação profissional vamos agregando saberes e fazeres que aprendemos na prática e vamos incorporando em nossa ação pedagógica, em nossa cultura profissional e escolar.



É neste contexto que emerge o potencial das narrativas (auto)biográficas. Ao narrar atribuímos significados, tomamos consciência, nos formamos a partir do trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. A narrativa oportuniza tal formação, pois é um momento de refletir sobre a vida, de explicar a trajetória, que consequentemente leva a tomada de consciência individual e coletiva.

“A abordagem biográfica tem como princípio que a própria pessoa que se forma, forma-se ao compreender o seu percurso de vida. Torna-se ator do processo de formação por meio da apropriação retrospectiva da sua vida”. (Nóvoa, 2014, p. 155). Há um esforço pessoal para explicar a trajetória de vida e consequentemente mobilizar uma série de dimensões (psicológicas, sociais, políticas, culturais, etc), portanto uma experiência (auto)formativa.

Para Josso (2014, p. 67) a articulação entre os períodos e acontecimentos efetua-se em torno de “momentos-charneira em que o sujeito é tencionado a uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou de pensar o seu meio ambiente e/ou pensar em si por meio de novas atividades”.

Tal contribuição, da abordagem (auto)biográfica coaduna para o movimento reflexivo de “parar e pensar” é fundamental para visualizar o sentido de ser professora de Geografia e, consequentemente, estabelecer uma conexão com perguntas necessárias, para termos a compreensão de nosso papel enquanto profissionais, seja na Educação Básica ou na formação acadêmica.

Concordamos com Callai (2013), apesar de todos os avanços a Geografia escolar ainda traz marcas da perspectiva tradicional como a fragmentação de conteúdos e o predomínio da informação sobre a reflexão. Portanto, a compreensão de que pela Geografia é possível pensar é significativo na medida em que ressignifica a ideia do componente curricular que somente trabalha com mapa, globo, nome de países, formas de relevo, etc.

A singularidade da Geografia está em oportunizar o pensar geográfico (qualidade de ser Geografia) atrelado a três dimensões ou formas. A primeira é causada pela dimensão espacial, ou seja, a capacidade de nos situarmos e situar as coisas no espaço. Perpassa a orientação e a sensibilidade diante do espaço. A segunda dimensão é aquela que articula conhecimento e a forma com que interagimos no espaço, aqui estaria a geografia do cotidiano. Já a última dimensão estaria no campo de interesse da Geografia em responder os porquês da localização ordenada por elementos naturais e/ou humanos. Em linhas gerais são os conhecimentos e práticas mobilizados pelas perguntas: o quê, quando, onde e porquê (Gomes, 2017).

Por outro lado, Callai (2013) nos lembra que a Geografia Escolar é o conhecimento



efetivamente trabalhado em sala de aula e resulta da seleção de conteúdos específicos da ciência geográfica, mas tem influência daquilo que a escola define como pertinente ao seu contexto. Além disso é um conhecimento “dado pelo coletivo dos professores no seu trabalho profissional e nas relações estabelecidas a partir dele e das crenças adquiridas ao longo da formação e dos saberes resultantes das vivências do professor como profissional e cidadão”. (Callai, 2013, p. 76).

Nesta perspectiva, a Geografia Escolar está entrelaçada com a formação inicial, com o cotidiano da escola e com a formação continuada, “Enfim, nos embates por dentro e por fora da escola” (Callai, 2013. 76). Na formação de professores as tensões estão sempre presentes e são os pontos de convergência que nos ajudam identificar os caminhos possíveis diante do inevitável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A materialidade da escola, as relações sociais, estruturas espaciais e temporais são dimensões (de)formadoras, por isso temos o direito e o dever de conhecer essas dimensões, muitas vezes condicionantes de nossas análises e nossas práticas. “O que faço é reflexo dos condicionantes sociais, políticos e estruturais. Se olhar no espelho é formativo na medida em que nos impulsiona para o debate coletivo de nossas práticas, com análise crítica à procura de significados. (Arroyo, 2013, p. 128)

Repensar nossas aulas, nossas estratégias e os acontecimentos do cotidiano escolar é uma estratégia para manter a docência em movimento a partir da reflexividade e da autocrítica. Este movimento nos protege da imobilidade e do conformismo, corremos menos risco de uma falsa segurança.

E neste contexto, da formação e atuação do profissional com reflexividade, emerge o potencial das narrativas (auto)biográficas. Ao narrar atribuímos significados, tomamos consciência, nos formamos a partir do trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. A narrativa oportuniza tal formação, pois é um momento de refletir sobre a vida, de explicar a trajetória, que conseqüentemente leva a tomada de consciência individual e coletiva.

Um esforço pessoal para explicar a trajetória de vida e conseqüentemente mobilizar uma série de dimensões (psicológicas, sociais, políticas, culturais, etc), portanto uma experiência (auto)formativa.

Assim, entendemos que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana. Na articulação entre a memória,



narração, processo formativo e (re)construção da identidade reside uma das mais potentes contribuições da abordagem (auto)biográfica para a formação de professores/as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa em tela, está em fase inicial e os avanços mais significativos estão no âmbito da pesquisa teórica sobre a formação de professores, a docência em Geografia e o método (auto)biográfico. Consideramos que adentrar no universo da pesquisa (auto)biográfica é, sem dúvida, uma aventura, mas que me provoca a ampliar conhecimentos, saberes e formas de (re)significar formação continuada e consequentemente a docência com a Geografia. Também é uma oportunidade de lançar luzes da direção da prática profissional, seja no contexto da escola básica ou na formação inicial e continuada de professores de Geografia.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica no Brasil: da aventura à insubordinação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, 2024, v. 09, n. 24, p. 01-12, e1153

ABRAHÃO, M. H. M. B. (2024). O Sujeito Singular/Plural na alta modernidade – narrativas de vida, identidade narrativa, educação continuada e desenvolvimento humano. **Educação**, 49(1), e88/1–25. <https://doi.org/10.5902/1984644485414>.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. **Formação do Profissional de Geografia: A, o professor**. Ijuí: Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e aprender Geografia elementos para uma didática crítica**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

COSTELLA, Roselane Zordan. Do interior de uma combi escolar vislumbrando o licenciado. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz W; TONINE, Ivaine Maria; COSTELA Roselane Zordan (org.) **Geografias Interativas**. Florianópolis: UDESC, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. Para una formación de profesores construida dentro de la profesión. **Revista de Educación**, n. 350, p. 203-218, Sep./Dic. 2009.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.